

BEM-TE-VI

EDITADO PELA IMPRENSA METHODISTA, RUA DA LIBERDADE, 117

REDACTORA — L. F. EPPS.

ANNO I N.º 6
REVISTA MENSAL

São Paulo-Brasil, Julho 1923

ASSIGNATURA
ANNUAL. . . 5\$000

A Pesca em um Domingo

Em um dia de dezembro, Francisco, sentado em um tronco de árvore, olhava attento para a lagôa proxima. De repente, erguendo a cabeça, enxergou uma linda menina vestida de côr de rosa e assobiou para chamar-lhe a attenção. Delia, como se chamava a menina, parou attenta para descobrir de que lado vinha tão familiar assobio e reconheceu ser de seu visinho Francisco. Delia ia levar um balde d'agua para casa, mas avistando o amiguinho, collocou o balde no chão e esperou. Francisco ficou embaraçado; era a menina mais bonita que elle conhecia. Não podia explicar porque não se sentia bem na presença della e porque não conversava com ella tão desembaraçadamente, como fazia com as outras.

—Fui á fonte buscar um balde d'agua, disse Delia.

Francisco não respondeu: estava nas pontas dos pés, olhando com attenção para alguma cousa que brilhava entre as arvores.

—Venha aqui, Delia, para você ver.

Delia não respondeu, mas olhou muito admirada para o menino.

—Aposto que se fôssemos para perto da lagôa, enxergariamos os peixes pulando. Quer ir até lá commigo?

—Creio que não pretende pescar no domingo.

—Não, disse Francisco titubeando, mas gostaria de ver os peixes brincando n'agua. Vamos?

—Sim, porém antes, quero levar este balde d'agua para casa.

—Deixa-me carregar-o.

—Póde auxiliar-me, si quizer.

—Não! Quero levar-o sózinho, não é pesado.

Delia, porém, insistiu em ajudal-o e abaixaram-se para pegar o balde, mas Francisco, em vez da aza do balde, segurou a mão de Delia.

—Quer me levar tambem? perguntou Delia, com um sorriso.

Francisco corou e largou rapidamente o balde que cahiu, entornando-se nos pés da menina.

—Perdão, disse Francisco, ainda nervoso.

—Oh! Não foi nada.

Mais uma vez abaixaram-se e as cabeças bateram uma na outra.

—Que é isto, Francisco, você virou cabrito?

O menino virou-lhe as costas e não respondeu.

—Está zangado commigo? perguntou Delia segurando-o pelo braço.

—Você chamou-me de cabrito.

—Foi por brincadeira, certo que não é cabrito, pois eu havia de pessar com um cabrito?

Francisco pegou o balde e começou a andar sem olhar para Delia.

—Então não quer que o ajude? Assim pensarei que está zangado commigo.

Francisco não respondeu. Parou e esperou a menina. Delia segurou o balde e os dois continuaram a caminhar. Chegaram em casa, entregaram a agua e pediram licença para ir brincar na la-

gôa. Depois de obter o consentimento da mãe de Delia, partiram.

Chegando a Lagôa, treparam em uma pedra para ver melhor os peixes que apareciam em quantidade.

Francisco, tirando um anzol do bolso, apromptava-o para atirar-o á agua, quando Delia lembrou-lhe que era domingo.

Francisco, um pouco desapontado, disse:

—Queria apenas experimentar si amarrando um sapo no anzol algum peixe seria capaz de comel-o.

Delia hesitou um pouco em consentir que fizesse isto, mas, afinal se convenceu de que não era pescaria, e disse a

Francisco que atirasse o anzol nagua. Esperaram algum tempo. De repente um grande peixe beliscou a isca.

— Ah! Olha lá! exclamou Francisco. Delia olhou e viu o peixe. Era tão grande e tão pesado que Francisco sózinho não pôde tirá-lo da agua. Com muito trabalho,

os dois tiraram o peixe para fóra da agua e ficaram tão alegres que se esqueceram dos ensinamentos dos paes, do pastor e das lições da escola dominical a respeito da santificação do domingo. Depois que Francisco enfiou o peixe em um barbante, sentaram-se para descansar.

—Como é grande! Enorme! disse a menina. Quantos kilos pesará, Francisco?

—Não sei, vamos leval-o para casa e pesal-o. Mas parou no mesmo instante, lembrando-se que era domingo.

—Oh, Francisco, o que mamãe vai dizer?

—Oh, Delia, isso não é nada, a culpa é minha e não faço caso de uma cousa tão pequena.

Ao mesmo tempo, porém, mostrava-se preocupado e pensativo.

—Não podemos leval-o para casa, disse Francisco. Que fazer?

Delia, depois de pensar um momento, respondeu:

—Não podemos leval-o para casa, porque mamãe pensará que estivemos pescando no domingo. Não sei o que faremos, é tão grande e bonito que não tenho vontade de jogal-o nagua outra vez.

—Nem eu.

As crianças ficaram pensativas al-

guns minutos e afinal Delia exclamou:

—Vamos guardal-o num pouco da agua aqui em baixo desta arvore até amanhã!

—Muito bem! é uma boa idéa.

Puzeram o peixe em segurança e partiram silenciosos para casa.

No dia seguinte, ás oito horas, Francisco e De-

lia partiram em busca do peixe, encontrando-o ainda vivo. Francisco tirou-o para fóra e collocou-o na grama.

—Levamos o peixe para a sua casa ou para a minha? perguntou Francisco.

Delia, hesitando um pouco, disse:

—Para a sua.

—Mas, você me ajudou a pescal-o. E' tanto seu quanto meu.

—Bem, mas o que vou dizer á mamãe?

—Não sei, podíamos jogal-o nagua outra vez... mas... é tão grande e tão bonito!

—Sim, é pena não se aproveitar um peixe tão bonito.

Neste momento ouviram um barulho e olharam para a lagôa. Estava lá uma



pobre viuva, que viera buscar um balde d'agua.

Francisco teve uma idéa, e com os olhos brilhantes, chegou-se mais perto da menina e disse:

—Delia, já sei o que podemos fazer— vamos offerecel-o áquella viuva.

—Muito bem!

Immediatamente, Francisco tomou o peixe e foi offerecel-o á pobre viuva, que o recebeu com alegria.

—Vou pedir a Deus que os recompense, disse ella.

Francisco voltou vagarosamente pensando nas palavras da viuva e contou á Delia que ella promettera pedir a Deus para os recompensar. As crianças ficaram aborrecidas de novo. Não queriam que a viuva falasse com Deus a respeito dellas. Temiam castigo em vez de recompensa.

Pensaram, pensaram e pensaram... Finalmente, Francisco disse:

—Delia, acha que a viuva será castigada si comer o peixe apanhado no domingo?

—Não sei, talvez, sim. Vamos á casa da viuva para lhe explicar tudo, e pedir-lhe o peixe e atiral-o n'agua outra vez para acalmar nossas consciencias.

Correram depressa para a choupana da pobre viuva e ahi chegaram tão cansadas que mal podiam falar.

—Entrem, meus filhos, tenho alguns doces para lhes dar e quero contar-lhes o que fiz. Encontrei o Sr. Ribeiro que me comprou o peixe por 5\$000. Olhem, aqui, quanto dinheiro! Vou dar-lhes alguns tostões!

—Não senhora, nós não lhe vendemos o peixe.

Com as mãos cheias de doces, e os corações cheios de duvidas, partiram da choupana. A meio do caminho, sentaram-se em um rochedo e começaram a pensar. De repente, Delia poz-se a chorar.

—Não chore, Delia, a culpa é minha, vou falar com o Sr. Ribeiro e pedir-lhe o peixe.

—Então, tambem vou.

—Pois vamos!

Uma hora depois entravam as crianças no escriptorio do Sr. Ribeiro que promptamente as ouviu.

—Meus meninos, podem estar socegados. Não comi o peixe: o coitado esteve tanto tempo fóra d'agua que ficou estragado. Voltem para casa e nunca mais pesquem no domingo.

SUPPLICA DA ARVORE

—Tu que passas e levantas contra mim teu braço, antes de me fazer mal, olha-me bem.

Eu sou o calor de teu lar nas noites frias do inverno.

Eu sou a sombra amiga que te protege contra o sol.

Meus fructos saciam tua fome e acalmam tua sede.

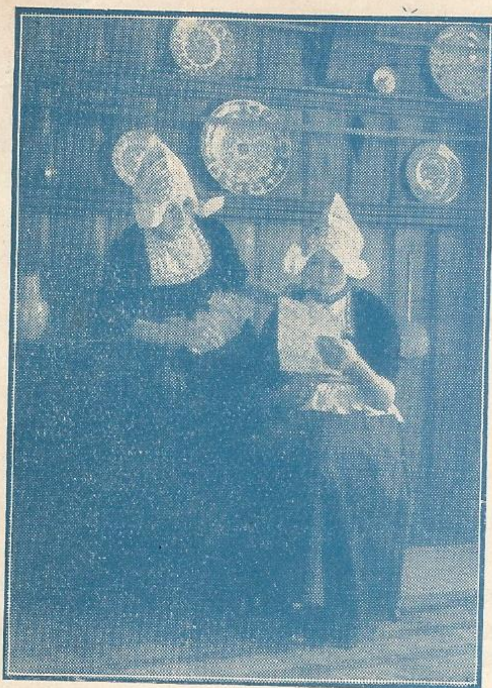
Eu sou a viga que supporta o tecto de tua casa, a taboa de tua mesa, a cama em que descansas.

Sou o cabo de tuas ferramentas, a porta de tua casa. Quando nasces, tenho madeira para teu berço; quando morres, em forma de ataúde ainda te acompanho ao seio da terra.

Sou pau de bondade e flor de belleza. Si me amas, como mereço, defende-me contra os insensatos.

“O Criador começa, e a criatura acaba a criação de si propria.”

(Ruy Barbosa).



NOSSOS AMIGUINHOS



As duas irmãs já acabaram de arrumar a casa, puzeram tudo em ordem e estão lendo uma carta que receberam do irmão, que foi para longe, vender queijo.



Aqui está um grupo de hollandezinhos. Parecem muito pequenos, mas vão indo para a escola com seus tamancos toque, toque, toque...



O CORCOVADO

Na capa do "Bem-Te-Vi" se acha a gravura do Corcovado, um dos pontos mais pittorescos dos arrabaldes do Rio de Janeiro. Milhares de pessoas, de todos os paizes do mundo, de passeio ao Rio de Janeiro, sobem ao Corcovado para gozar as belezas da maravilhosa cidade, apreciar as lindas montanhas e contemplar a pittoresca e famosa bahia de Guanabara.

Do alto do Corcovado (697 m.) descortina-se um panorama grandioso, avistando-se de lá grande parte da cidade, a bahia, as fortalezas, os navios, o oceano dentro de um largo horizonte. A linha ferrea electrica que lhe dá accesso desenvolve-se num curioso traçado. A estação inicial está a 37m. acima do nivel do mar. A linha eleva-se gradualmente, atravessa o profundissimo valle do rio Sylvestre, por um viaducto de ferro, com pillares metallicos. A primeira estação (208 m.), logo depois do viaducto, é a do Sylvestre, no morro de Santa Thereza. Continúa a linha até Paineiras (464m.) e dahi por deante sobe numa quasi espiral, em curvas de raios uniformes de 120m. 76 até á estação terminal (670m.) O resto do trajecto, até ao cume do Corcovado, faz-se a pé, subindo-se 23 degraus abertos em rocha viva ao cabo dos quaes se attinge o cume do monte, occupado por um pavilhão de ferro.



ESTRELLAS



Todas aquellas estrellas que vocês vêem lá no céu são terras e sóes semelhantes á nossa terra e ao nosso sol. As mais brilhantes são sóes; alguns delles, dez ou vinte vezes maiores e cem vezes mais brilhantes e mais quentes do que o nosso.

Os corpos celestes mais apagados são os planetas. Estes se parecem com a terra, pois têm montanhas e valles iguaes aos daqui. Não vivem homens, ahí, porque faz tanto calor nuns ou tanto frio noutros que nenhum de nós poderia supportar. Alguns planetas são muito maiores do que o nosso. Si puzermos um grão de areia dentro de um prato fundo, talvez não o vejamos; o mesmo aconteceria com a terra, si fosse collocada sobre um dos grandes planetas.

Parece-nos muito exquisito que uma estrella, que vemos do tamanho de um pires seja muito maior que a terra, que já é tão grande. Quando estamos no pico de uma montanha e olhamos para baixo, vemos tudo muito menor: as casas, os automoveis, os navios, os bondes, etc., parecem brinquedos; assim também as estrellas tão longe estão,

O Maior dos Mundos

*Agora fiquei sabendo
Que não é como contavam
Que as estrellas eram anjos
Que lá de cima olhavam.*

*São mundos como este mundo,
Maiores, sim, muito mais:
São uns soes muito mais quentes
Que aquelle que a luz nos traz.*

*Mas vejam só que tristeza!
O nosso mundo é anão,
É como um grão de farinha,
Como um bago de feijão.*

*Queria fazel-o grande,
Tão grande... nem sei dizer...
Assim de todos os mundos
O maior podia eu ter.*

*Mas eu sou tão pequenino
Para esse trabalho immenso...
Bella idéa tive agora,
Vou contar-vos o que eu penso.*

*Si aquelles diversos mundos
Com o nosso se parecem,
Deve haver lá uns meninos,
Que muito depressa crescem.*

*Vou estudar muito, muito,
Ainda mais trabalhar,
Vou ser bom para com todos,
A todos vou contentar.*

*E depois, naquelle dia,
Quando a Deus comparecer
Junto daquelles meninos
Elle assim nos vai dizer:*

*"O que faz os mundos grandes
Não é o tamanho, não,
É o trabalho e o amor,
D'aquelles que lá estão."*

*E o grande Deus sempiterno
Pela mão me pegará,
Dirigindo-se aos meninos,
Com voz bondosa dirá:*

*"Este menino que vedes
O seu mundo engrandeceu.
Portanto o maior dos mundos
Será com certeza seu."*

CELITA MARINHO.

Rio de Janeiro,
Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi".

que as vemos muito pequenas.

Imaginem uma estação da qual partissem linhas de estrada de ferro, pelo ar, para todas as estrellas. Cada pessoa embarcaria no trem que fosse para a estrella que quizesse visitar. Si quem se destinasse á estrella mais proxima da terra tivesse dez annos, chegaria no fim da sua jornada com sessenta, pois a viagem só poderia ser feita em cincoenta annos, tão longe se encontra esta estrella. Quem fosse visitar as estrellas mais distantes, ficaria velho e morreria antes de lá chegar, porque ainda que vivesse duzentos annos, não chegaria á estrella.

Mas, como é que estando ellas tão distantes, podemos saber que são sóes e planetas e que estes têm valles e montanhas?

Há muitos seculos, homens intelligentes e instruidos estudam as estrellas. Para melhor

vel-as, inventaram uma especie de binoculo muito forte a que chamam telescopio. Alguns telescopios são tres vezes maiores do que uma casa e fazem a estrella apparecer muitissimo augmentada.

Pelos seus estudos os astrónomos conseguiram saber que as estrellas não estão paradas no ceu, mas giram e caminham pelo espaço. Descobriram também que umas attraem as outras, assim como o imán attrae o ferro. Por este modo, descobriram uma estrella tão distante que ninguém podia vê-la. Olhando pelos seusapparelhos, notaram que

outra estrella conhecida não seguia o seu caminho certo pelo espaço, mas algumas vezes se desviava da rota. Sabendo que uma estrella tem força de attracção, concluíram logo que devia ser uma estrella, invisível pela distancia, que puxava aquella para fóra do caminho.

CELITA MARINHO.

Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi".

O unico thesouro de Joanna

Joanna é uma menina que vive na Escocia. Seu pae é pastor, toma conta dos carneiros nas montanhas. Vivem em um casebre e como o pae não ganha muito, comem todos os dias só pão e sopa.

Os cabellos de Joanna são louros, seu rosto é queimado pelo sol e suas mãos estão callejadas pelo trabalho. Ella ajuda a mãe na cozinha e na costura, sabe fiar e tecer.

Joanna, apesar de pobre, possui uma joia de valor que muitas meninas ricas desejariam ter uma igual: é um lindo collar de ambar.

Vocês já viram ambar? E' uma substancia resinosa de côr amarellada transparente, e quando esfregada, tem o poder de attrahir corpos leves. Cada uma das contas do collar de Joanna, tem preso no centro um objecto minuscúlo, como pedaços de folhas, musgos, sementes, mosquitos ou outros insectos. E' mesmo muito lindo este collar, e com razão Joanna pôde orgulhar-se de possuí-lo. Mas como vocês acham que Joanna chegou a ser dona de tal thesouro?

O avô de Joanna é o velho sr. Henrique, que já não sae mais de casa e gosta de estar assentado junto do fogo. Quando elle era moço, uma vez depois de uma tempestade, elle foi á praia para ver se podia salvar alguma cousa de um navio naufragado. Andando na praia, de cá para lá, achou um pedaço de am-

bar no meio das plantas marinhas. Levou-o para casa e com muita habilidade fez as continhas, tendo o cuidado de deixar no meio de cada uma, um dos objectos que havia preso no ambar. Com as contas fez um collar e deu-o de presente a sua noiva. Muitos annos depois, Joanna ganhou de sua avó esse collar.

Como é que esse pedaço de ambar que o sr. Henrique achou pôde chegar até á praia? Isso foi assim: durante muitos seculos, uma parte da Escocia era coberta de florestas de pinheiro e carvalhos. No meio destas arvores, havia uma especie de pinheiro que tem uma resina de côr amarella e brilhante. Muitos insectos, attrahidos pelo aroma agradável da resina, vinham pousar sobre ella e ahi ficavam presos. Também pedaços de folhas, galhinhos seccos trazidos pelo vento ficavam no meio da resina. Com o tempo essa resina brilhante e amarella ficou dura como pedra, formando o ambar do qual o collar de Joanna é feito.

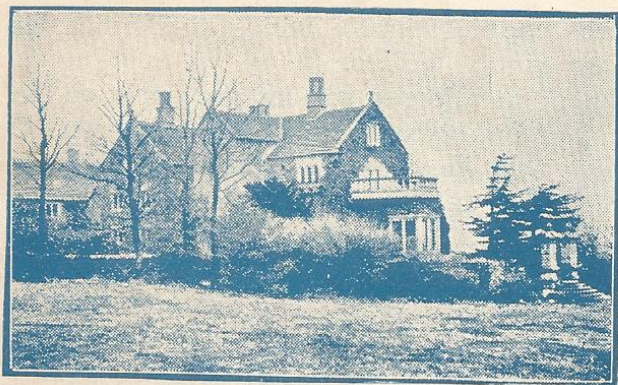
Vocês também já ouviram contar que em épocas diversas a superficie da terra tem se mudado: regiões que eram longe do oceano estão á beira mar; foi isso que se deu na Escocia, e aquella floresta de pinheiros foi submergida pelas aguas e as arvores ficaram no fundo do mar. E quando ha grandes tempestades, pedaços de ambar são trazidos pelas ondas revoltas.

FLORENCE NIGHTGALE

CAPITULO II A SUA MOCIDADE

Quando Florence ficou moça, ella começou a frequentar a sociedade e foi levada pela onda dos divertimentos. Mas, logo ella se cansou daquellas incessantes festas, recepções, jantares, etc., e começou a procurar para si uma occupação pela qual pudesse prestar serviços aos seus semelhantes.

Sentia que tinha vocação para tratar de doentes, mas as enfermeiras daquelle tempo eram olhadas com menosprezo. Geralmente eram mulheres das classes mais baixas, grosseiras, ignorantes, dadas a vícios.



A srta. Florence não queria de modo algum fazer parte de tal companhia; tinha, no seu coração, a idéa de uma enfermeira ideal: cheia de sympathia pelos seus semelhantes, vestida nitidamente, com uma touquinha branca.

Esta moça tinha recebido uma boa educação dos paes: falava francez, allemão e italiano, como sua propria lingua; conhecia bem a litteratura do seu paiz; tinha-se aprofundado nas sciencias e na mathematica, e era uma boa artista e musicista.

Tendo decidido dedicar a sua vida ao trabalho de enfermeira, começou, visitando os hospitaes de Londres, da Escocia e da Irlanda. O que viu encheu-a de horror e de compaixão pelos doentes. Entre os enfermos reinavam a miseria,

a immundicia e o soffrimento; entre as enfermeiras, a brutalidade, a ignorancia e a embriaguez.

Desanimada, partiu para a Europa, onde encontrou as cousas em melhor estado. Foi no Instituto protestante de enfermeiras, em Kaiserwerth, á margem do rio Rheno, que a srta. Florence adquiriu muita pratica na arte de tratar doentes e, quando sahiu de lá, era mais habil do que qualquer enfermeira do estabelecimento.

Depois, visitou em Paris, as Irmãs de S. Vicente de Paulo. Não só estudou os methodos alli empregados, como visitou os lares, onde as Irmãs levavam soccorro aos enfermos. Aconteceu que ella mesmo adoeceu gravemente e foi tratada pelas Irmãs, adquirindo assim um conhecimento pratico da presteza e bondade das enfermeiras desse hospital.

Afinal a srta. Florence chegou ao seu lar em Lea Hurst. Podemos imaginar com que alegria foi acolhida pelos seus

queridos e com que prazer descansou debaixo do velho tecto paterno.

Não se deixou ficar ahi muito tempo, pois logo resolveu tomar a direcção de um "Lar para professoras doentes", em Londres.

Quando chegou lá, encontrou por toda a parte a negligencia e a desordem. Os amigos da instituição estavam desanimados e não contribuiam mais.

A srta. Florence logo interessou as suas amigas de maior influencia nesse grandioso trabalho e desse modo obteve grandes auxilios.

Depois fez que a instituição passasse por uma transformação radical. A consequencia foi o restabelecimento da ordem, da limpeza e do contentamento. Enfermeiras habilidosas, bem compene-

tradas dos seus deveres, estabeleceram a alegria e o conforto naquella casa que se tornou um lugar de descanso para mulheres cansadas e doentes.

Mas não vão pensar que a snrta. Florence obtinha todas as transformações, como as antigas fadas, com as suas varinhas magicas. Só depois de muitos esforços, trabalhos e cansaços é que pôde

obter o fim desejado. E a prova de que trabalhou muito é que cahiu numa prostração tal que teve de se retirar para Lea Hurst, afim de descansar, de modo a poder estender a sua acção benefica a outros ramos, pois o "Lar" não necessitava mais dos seus serviços.

(Continúa).

PEQUENOS CIGANOS

CAPITULO IV

ALGUNS CARACTERISTICOS DOS CIGANOS

Quero dizer-lhes que a moral entre os ciganos é muito elevada. Desde a infancia os meninos são ensinados pelos paes que o maior dever dos homens é proteger, honrar e amar as mulheres. Os corações dos moços e das moças são puros e os paes os ensinam a defender essa innocencia e pureza como si fossem ouro precioso. Os jovens se namoram á vontade durante o dia; quasi todos os ciganos se casam; um solteirão ou uma solteirona é muito raro entre o nosso povo. Os maridos não têm segredo para suas mulheres e estas os ajudam muito a ganhar a vida. Geralmente, as familias são grandes: não ha mem-tira maior do que a historia de ciganos roubando crianças. Isso não é verdade: a prova está no grande numero de filhos que ha em cada familia—meu tio era

pae de trinta e um, e meu irmão, de vinte e quatro.

A primeira compra que um casal faz é um carro ou uma casa ambulante. O novo casal deixa sua casa ambulante fóra da cidade, e alli fica o marido fa-

zendo pequenos objectos, emquanto a mulher os vae vender. Os ciganos fazem muito exercicio, comem bem e, por isso, gozam saude. São muito amaveis e leaes uns para com os outros e pôde-se dizer que quasi adoram a velhice. Nunca ouvi caso em que um cigano precisasse acabar seus dias em um asylo:

os jovens prefeririam morrer do que permittir tal coisa.

Tratam de "Gorgios" todos os povos do mundo que não são ciganos. Não aborrecem os "Gorgios", mas têm receio e desconfiança delles. Porém, si

CARTA

Sou um Bebê de 25 annos de idade, e muito me alegre ao comprar cada mez um numero avulso do já tão querido «Bem-Te-Vi», publicado sob a vossa auspiciosa direcção. Mais ainda me alegrei ao ler na ultima publicação a historia do Cigano Rodney Smith, e lastimei, confesso, não ter sido contada de uma só vez, porém não sou impaciente e esperarei pelo proximo numero, isto é, si V. Excia. me permite fazer côro com os meus amiguinhos solicitando a continuação de tão commovente, impressionante e linda historia. E' tão differente das que a nossa boa mamãe, debruçada sobre a nossa caminha, nos conta para nos fazer adormecer, e que tanto medo nos causa, povoando-nos o somno de sonhos dolorosos, de roubos de crianças manhosas, emfim de uma serie de acontecimentos que ao fazermos uso da razão ainda se reflectem pavorosos em nossos juvenis espiritos. Talvez depois da historia verdadeira de Rodney Smith sejamos mais amigos dos ciganos, e em pról daquelles que se acharem entre nós intentemos alguma cousa.

um "Gorgio" fizer uma caridade para um cigano, nunca será esquecida. Ha pouco tempo eu estava viajando com o pastor de uma igreja da Inglaterra e elle me contou:

—Ha muitos annos havia um pobre cigano, perto de uma das minhas egrejas. Estava doente. Minha mulher e eu iam visitá-lo de vez em quando, levando-lhe soccorros. Líamos a Biblia, e fazíamos oração com elle. Alguns annos depois, em viagem, encontrei-me com dois ciganos moços que tinham um burro para vender e, como eu precisasse de um, perguntei o preço. Deram-me o preço dizendo que era muito bom. Resolvi comprá-lo. Depois dei aos moços o meu nome e endereço. Immediatamente, reparei que ficaram envergonhados; perguntaram-me si eu era o mesmo homem que havia tratado bondosamente de um pobre cigano. Quando eu disse que sim, elles continuaram:

—Pois bem, senhor, nós não queremos vender-lhe este burro. Elle não é bom e não queremos enganar um homem que foi tão amigo de um pobre cigano. Temos outro burro que é muito bom e amanhã elle estará em casa. No dia seguinte, segundo a sua palavra, elles appareceram com o melhor burro que jamais vi. Comprei-o e por muitos annos me serviu bem.

Os ciganos bebem muito e sua bebida predilecta é a cerveja. Geralmente são muito profanos. Não falam mentiras uns para com os outros, mas mentem bastante para os "Gorgios". As ciganas ganham muito dinheiro, contando o futuro dos "Gorgios" e todas as vezes que pessoas intelligentes gastam dinheiro nesse negocio detestavel, estão tornando mais difficil a tarefa de educar e evangelizar o meu povo. Os ciganos sabem muito bem que isso não é direito

e que é um negocio abominavel e cheio de enganos, mas continuam porque é um meio de ganhar dinheiro facilmente.

Os ciganos são um povo amigo da musica e meu pae, desde a infancia, tocava rabeca. Elle nunca estudou musica, tocava simplesmente de ouvido. Uma vez vovó ficou muito cansada de ouvi-lo e disse:

—Cornelius, si você não deixar aquella rabeca, vou apagar a vela. Isso não fez a minima differença e elle continuou. Então vovó falou:

—E' um menino maravilhoso, sabe tocar até no escuro!

Muitas vezes Papae tocava nas cidades, para as danças e bailes e assim ganhava dinheiro. Muitas vezes elle me levava para adançar e tirar a collecta. A's vezes elle bebia de mais e não sabia o que eu estava fazendo. Nessas occasiões, eu tirava outra collecta e guardava o dinheiro para mim dizendo:—Faço parte da companhia "Smith & Filho", e não sou um socio dorminhoco. Como ficava contente ganhando dinheiro assim! Ao mesmo tempo tinha tanta pena de Papae! Coitado! Elle fazia o possivel para resistir á tentação de beber, e sempre cahia. Todos os dias de manhã e de noite elle fazia oração, porém era como a onda do mar que não podia ficar firme. Isto lhe causava muita tristeza. Realmente elle queria acabar com o vício de beber. A's vezes ficava tão aborrecido comsigo mesmo, que chorava e dizia que era tão fraco que não valia a pena esforçar-se mais. Nunca teve oportunidade de frequentar um collegio nem de aprender a ler e a escrever. Não podia ler a Biblia e ficar sabendo que o Espirito Santo tem poder para ajudar um homem fraco, tentado e sobrecarregado.

(Continúa).



As creanças do Brasil têm visto e apreciado as bellezas das muitas fórmas assumidas pelo precioso liquido chamado agua. O Brasil é celebre por suas lindas cascatas e cachoeiras, como as do grande Iguassú, Paulo Affonso, Sete Quédas, etc. Além dessas grandes, ha numerosas outras menores, embelezando com os seus tenues fios de agua todos os valles e morros vizinhos. As crianças que vivem perto do mar gozam diariamente do bello e sempre variado aspecto das ondas; ao passo que aquellas cujo lar se acha no interior, vêem os rios prateados, os lagos e lagôas de um azul de saphira.

Um dos aspectos mais bellos, porém em geral menos observado, se encontra de manhã cedo nos jardins e nos campos. São as gottas de orvalho que brilham em toda a parte, meio escondidas nas corollas das flores, pendentes das folhas, ou esboçando figuras geometricas, que são as teias de aranhas. Parece que a Natureza abriu seu porta-joias e espalhou com mão prodiga um thesouro de brilhantes e perolas.

Além destas formas da agua que podem ser vistas em toda a parte, ha outras não menos bellas e até mais variadas que sómente os habitantes de paizes frios podem gozar. São as da neve e

AS BELLEZ



da geada. Tão infinita e tão maravilhosa é a variedade de fórmas assumidas pelos cristaes de neve, que um homem dedicou a maior parte da sua vida



AS DA AGUA

muitos outros artistas das varias industrias copiam estes desenhos em seus productos.

Um outro phenomeno mais facilmen-

te observado do que os crystaes de neve, por serem estes muito pequenos, é a geada que se fórma nas vidraças, nas noites de muito frio. O ar dentro das casas é mais quente que o de fóra e, ficando em contacto com as vidraças frias, condensa a humidade em fórma de geada. Esta fórma desenhos variadissimos e encantadores na superficie interior das janellas. A's vezes, parecem folhas de samambaia e de avencas; ás vezes, têm a apparencia de bosques e florestas, com os topos das frondosas arvores delineados em silhueta. Outros desenhos parecem-se com pennas e plumas delicadissimas, com rendas e coraes, com castellos e com paizagens de toda a especie. Quando o sol se levanta e os seus raios dourados cahem nessas vidraças, o effeito é deslumbrante. Cada crystalzinho brilha e scintilla como verdadeiro diamante. Não é para admirar que as crianças pensem que estes quadros tão lindos sejam o trabalho dum anãozinho

ao estudo delles e tirou mais de quatro mil photographias augmentadas, não achando neste numero duas iguaes. Os joalheiros, trabalhadores de metaes e

artista a quem ellas dão o nome de "Branco Gelo".

EVA L. HYDE.

Uma amiga do "Bem-Te-Vi".



A PAGINA DOS LEITORES

("Eu vejo em cada criança a possibilidade do homem perfeito.")

A PRINCEZINHA ALEIJADA

Tudo era por causa do arteiro anãozinho Branco Gelo. O rei e a rainha bem o sabiam; todos os cortezãos, aias, cozinheiros e pagens estavam fartos de saber que era por causa de Branco Gelo.

As duas pequeninas fadas que cuidavam da princezinha aleijada também o sabiam; ninguém o ignorava, excepto o endiabrado anãozinho.

do jardim e dançara e pulára alegremente batendo as mãos e os pés sobre a agua gelada. A primeira fada pousou-lhe no hombro e segredou-lhe:

—Na sala das nove janellas, que elham para o Este, Sul e Oeste, está recolhida uma princezinha aleijada.

—E chora todo o dia, disse a segunda fada.

—Coitadinha! exclamou condoido o anãozinho.



Elle estragava os lindos festões flôridos até fazel-os ficar enrugados, seccos e feios. As lindas folhinhas, que nas arvores eram tão verdes, descoravam e cahiam mortas no chão á sua chegada.

Branco Gelo, porém, não sabia que, num salão do castello, o das nove janelas, estava deitada uma linda princezinha. Coitada! Ella alli ficava todo o dia, pois era aleijada e chorava tanto!...

O malfazejo anão destruiu seu bello jardim.

—Eu acho que você deve contar-lhe, disse a primeira fadazinha.

—Conte você! disse a segunda.

Afinal, decidiram contar juntas.

Naquella noite Branco Gelo estava muito irriquieto. Gelára a agua na linda fonte de marmore situada no centro

—Que vae você fazer agora? perguntaram as duas fadas.

Branco Gelo apumou-se e disse:

"Sempre que um mal eu pratico,

Embora sem o saber,

Eu procuro corrigil-o,

E depressa o desfazer."

As fadazinhas voltaram ao palacio, certas de que Branco Gelo cumpriria sua promessa. Branco Gelo poz-se, então, a pensar.

Elle não teria tocado no jardim da princezinha si soubesse que ella soffria tanto assim. Que fazer! O que está feito não póde ser desfeito. Elle não podia fazer voltar as lindas flores; só a Primavera o conseguiria e esta andava agora lá para o Sul.

De repente elle teve uma idéa. A alegria foi tamanha que o anãozinho deu

tres pulos enormes. Depois bateu as mãozinhas tres vezes.

Appareceram então, muito depressa, nove outros anões, trazendo cada um, um pote cheio de neve com seus pinceis.

—Na sala das nove janellas, disse Branco Gelo, está deitada uma princezinha aleijada que chora todo o dia o seu jardim estragado. Ella deve enxugar as lagrimas.

—Ella deve enxugar as lagrimas! repetiram os pequenos anões de gelo.

—Pois então, disse Branco Gelo, toda a noite, até que a Primavera traga consigo lindas flôres, vocês terão de fazer jardins floridos nas nove janellas.



—Nas nove janellas, repetiram os anõezinhos, remexendo com seus pinceis a neve nos potes.

No dia seguinte, a princezinha acordou e olhou para a janella do Oeste, pensando ver o seu jardim despido de flores como dantes. A surpresa foi enorme, ao avistar um lindo jardim de fadas, todo florido. Via arvores grandes e copadas, um lençol de flores variadas e uma fonte muito branquinha. Esfregou os olhos e tornou a olhar.

—Que bonito! exclamou, é o meu jardim ao luar e mais bonito ainda porque não vejo sombras.

Justamente naquelle momento, o sol mandou uns raios para colorir a paizagem de côr de rosa, azul e amarello. A princezinha sorriu. A' tarde, o sol tornou-se mais quente e os jardins mudaram.

As montanhas derreteram-se e os rios começaram a correr entre os canieiros.

—Que magica! disse a princezinha batendo palmas maravilhada.

Antes que os jardins do Oeste desaparecessem, as duas fadas lhe desvia-



ram os olhinhos para as janellas do Sul, onde o jardim continuava bonito. Depois para o Este, e assim, até anoitecer e ella fechar os olhos, sonhando com flores, rios crystallinos e arvores muito verdes.

Nem uma vez chorou a princezinha em todo aquelle dia, nem no segundo, nem no terceiro. Todas as noites os nove anõezinhos pintavam lindos jardins nas nove janellas, até que a Primavera voltou, povoando os jardins reaes com suas rissonhas flórinhas.

IZABEL PINTO.

Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi".

O PRIMEIRO PICA-PAU

Ha muitos annos, quando ainda as fadas andavam neste mundo, havia uma fada cuja missão era fazer o bem. Afim de não ser reconhecida, costumava disfarçar-se, vestindo-se como uma mendiga velha.

Um dia, á hora do crepusculo, foi a uma pequena choupana e pediu abrigo; tinha passado o dia todo fazendo muitos trabalhos e estava cansada, com frio e com fome.

Na choupana encontrou uma mulher assando bolinhos. A mulher estava bem vestida e trazia á cabeça um bonito toucado vermelho.

—Boa mulher, disse a fada, dá-me licença de entrar e descansar? Passei o dia todo trabalhando muito. Estou cansada, com frio e com fome.

A mulher fitou os olhos nella, mas estava tão escuro que não conseguiu vê-la bem. Julgando-a alguma andrajosa, fez signal que entrasse. A fada entrou na choupana e a mulher continuou a assar bolinhos.

Depois de alguns minutos de silencio, a recém-chegada disse novamente:

—Minha boa mulher, dá-me, peço-te, um de seus bolinhos. Estou com fome e cansada.

A mulher fitou-a novamente. Os bolinhos lhe pareciam grandes, pois haviam crescido muito e ella não desejava dal-os a ninguem. Fez o menor e pol-o a assar. Porém, este tambem depois de assado pareceu-lhe demasiadamente grande para dar á mendiga. Então fez um ainda menor. Este, depois de assado, era tão pequeno que mal se podia

chamar de bolinho, porém ella achou-o ainda muito grande. No entretanto, não era tão pequeno como o coração daquela mulher.

A fada, então, esgotada sua paciência, enfureceu-se e disse:

—Teu coração é muito pequeno para ser o coração de uma mulher. Não serás mais mulher. Não farás mais bolinhos. Quando estiveres com fome, terás que bicar, bicar e bicar afim de obter teu alimento.

Mal acabou de falar, a mulher desapareceu e nunca mais foi vista. Alli perto do fogo, em frente da fada enfurecida, surgiu um pica-pau com um toucado vermelho.

Foi o primeiro pica-pau. E daquelle dia em diante todos os pica-paus precisavam bicar afim de obter sua comida.

Traduzido por.

JOSE' MERIWETHER.

Um amiguinho do "Bem-Te-VI".

O BULL DOG E SEU FILHO



— Papá, todos os **bull dogs** são como você?
— Os de pura raça se parecem commigo.



— Ficarei parecido com voce quando crescer?
— Exactamente.



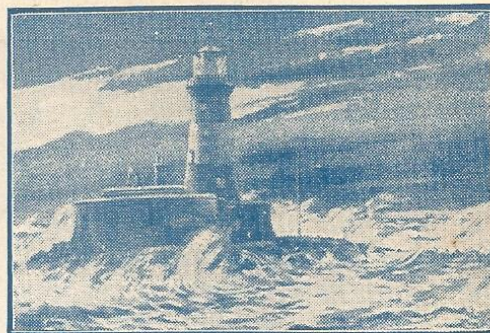
— Todos acham você uma bellezinha?
— Oh! sim. Toda a gente diz que sou bonito.



— Ih!... então não quero crescer.



Grace Darling



O pharol da ilha de Farne de onde partiu Grace Darling para salvar os naufragos.

O HEROISMO DE GRACE DARLING

...

Grace Darling foi uma menina muito corajosa. Jamais existiu uma menina de tanto heroísmo. Era filha do pharoleiro da ilha de Farne.

Na noite de 6 de Setembro de 1838 houve a medonha tempestade que poz a pique o vapor Forfarshire. Durante a noite nove pessoas, agarradas aos pedaços do vapor naufragado, ficaram boiando sobre as ondas bravias, que os atirava de um lado para outro.

Logo de manhã, Grace Darling foi á torre do pharol, e com o auxilio do telescópio, viu dahi esses infelizes fluctuando á mercê das ondas.

Grace Darling desceu rapidamente e deitou ao mar o seu pequeno barco.

A mãe, ao ver o que a filha acabava de fazer, exclamou:

—Que vaes fazer Grace?

—Salvar os naufragos.

—Não, minha filha, vaes arriscar a tua vida.

—Estou prompta a sacrificar-me por elles.

O pae, vendo a decisão da filha, disse:

—Irei contigo.

Entraram no barco e remaram em direcção dos naufragos, chegando ainda em tempo de salvar-os.

Graças á coragem e abnegação desta menina nove vidas foram poupadas.

Pedras Preciosas

MEZ DE JULHO

RUBI

O rubi, a bella pedra dos nascidos em Julho, é de côr vermelha, sendo uns mais escuros que outros.

O rubi oriental, de côr rubra, é a especie mais rara e a mais estimada. Esta variedade de rubi só póde ser riscado pelo diamante e custa mais caro que este.

Os celebres rubis “sangue de pombinhos” vêm de Burma, na India.

O maior rubi conhecido é o do Tibet na Asia, mas não é de primeira qualidade.

No Brasil encontram-se rubis nas areias do rio Piuna, no Estado do Espirito Santo, e tambem no rio Paraguassú no Estado da Bahia.

O rubi significa—nobreza.

GALERIA

Nasceram em Junho :

José Bonifacio

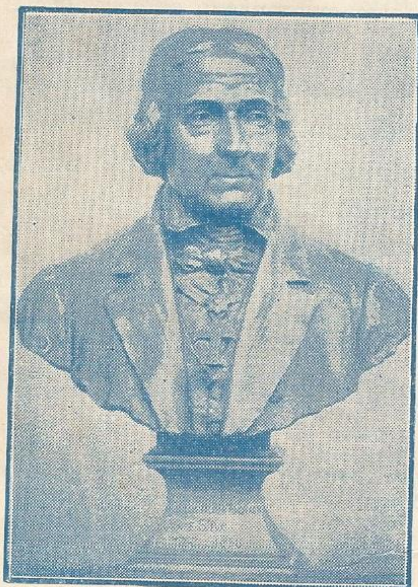
Carlos Gomes

João Wesley

“O PATRIARCHA DA INDEPENDENCIA

Ha cento e cincoenta e oito annos, nasceu em Santos, um menino que se chamava José Bonifacio de Andrada e Silva.

Desde a infancia, tinha muito amor aos estudos. Revelou bem cedo o seu talento para poesia, e fez versos até a velhice. Estudou no Brasil até a idade de



dezoito annos, indo depois a Europa afim de estudar com os mais afamados mestras da época. Lá cursou a Universidade de Coimbra.

Nos seus dias de alumno, os soldados de Napoleão invadiram Portugal e José Bonifacio foi o chefe do batalhão dos estudantes.

Era um moço tão applicado e talentoso, que recebeu do governo portuguez

o premio de viagem, e durante dez annos fez estudos, em outros paizes.

Este illustre brasileiro não se esqueceu da sua Patria, e voltou quando estava bem preparado para servil-a.

Quando o Brasil era governado pelo principe D. Pedro I, este, vendo que José Bonifacio era um homem energico, intelligente e instruido, fel-o seu conselheiro.

Proclamada a independencia do Brasil, coube a José Bonifacio o papel principal na organização das nossas leis.

José Bonifacio, que sonhava com uma Patria livre, fez leis tão liberaes que não foram acceitas pelo imperador.

Banido do Brasil, foi outra vez a Europa, donde voltou dentro de poucos annos. Gosou então de maior confiança e amizade do imperador. D. Pedro I, ao voltar para Portugal, deixou seu velho amigo como tutor de seus filhos, e encarregado da educação do futuro monarcha do Brasil.

José Bonifacio era modesto. Não acceitou a Grã Cruz do Cruzeiro, nem o titulo de marquez. Quando o imperador insistiu que acceitasse o titulo, elle disse: “Jámais acceitarei honras em recompensa de serviços prestados, mas tenho uma graça a pedir.” O imperador ordenou-lhe que falasse. Então, o venerando ancião declarou que era seu unico desejo que, depois de sua morte, se mandasse fazer, á custa do Estado, uma humilde sepultura com os seguintes dizeres:

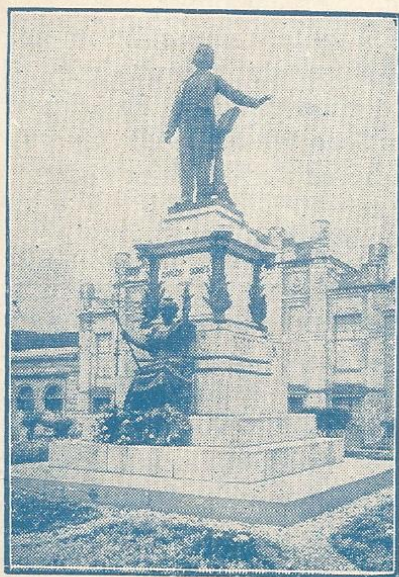
“Eu desta gloria só fico contente
Que á minha terra amei e á minha
[gente.]”

Isto o imperador cumpriu.

Recusando tantos titulos honorificos, ganhou o mais honroso—o de “Patriarcha da Independencia”.

UM GRANDE COMPOSITOR BRASILEIRO

Carlos Gomes, era filho de um musico paulista, que se casára quatro vezes. Carlos pertencia ao terceiro matrimonio. Teve vinte e cinco irmãos—a irmã mais velha já contava quarenta e sete annos quando o mais moço nasceu.



O pae de Carlos era mestre de uma banda em Campinas, e ensinou musica a todos os filhos. Carlos revelou bem cedo o seu talento de cantor e de compositor. Aos vinte annos, já compunha musicas e modinhas. Tornou-se popular em São Paulo e no Rio com a sua modinha —“Tão longe de mim distante”. Depois de escrever o Hymno Academico, ficou muito querido dos estudantes. Estes, que admiravam o talento do joven compositor, aconselharam-no a ir para o Rio, estudar no Conservatorio de Musica.

Desde então, Carlos começou a pedir ao pae que o mandasse estudar no Rio. O pae não consentiu e elle fugiu. Ao desembarcar, escreveu ao pae pedindo perdão pela desobediencia. Depois de algum tempo, o pae perdoou-o e deu-lhe uma mesada de 30\$000.

Animado com o perdão e com este auxilio dedicou-se com ardor aos estudos.

O imperador D. Pedro II, reconhecendo o talento do joven musico, mandou-o

completar os estudos na Italia, por conta do Estado.

Carlos Gomes foi o primeiro musico brasileiro applaudido na Europa. Logo que foi proclamada a Republica, Carlos Gomes deixou de ser pensionista do Governo.

Foi então nomeado director do Conservatorio de Musica no Estado do Pará. Nesse cargo falleceu. O Governo do Estado de São Paulo mandou embalsamar o corpo e leval-o para Campinas, sua terra Natal. Foi transportado no navio de guerra “Itaipú”, que, desde então, passou a chamar-se “Carlos Gomes”.

O povo do Rio pediu que o corpo do grande musico ficasse um dia naquella cidade. Desembarcaram o corpo que foi conduzido em carreta, puxada pela corporação musical, e collocado na igreja de S. Francisco de Paula, onde se realizaram as cerimonias funebres com grande pompa. No mesmo dia, ficou o corpo em exposição no Instituto Nacional de Musica, sendo dalli retirado para seguir por mar até o porto de Santos.

Foi enterrado em Campinas, onde se erigiu a sua estatua—uma homenagem dos brasileiros ao grande musico.

Na prospera e linda cidade de São Paulo, na parte central, figura a estatua de Carlos Gomes, recentemente erguida, como saudosa recordação ao grande genio—o compositor do “Guarany”.

O FUNDADOR DE UMA GRANDE EGREJA

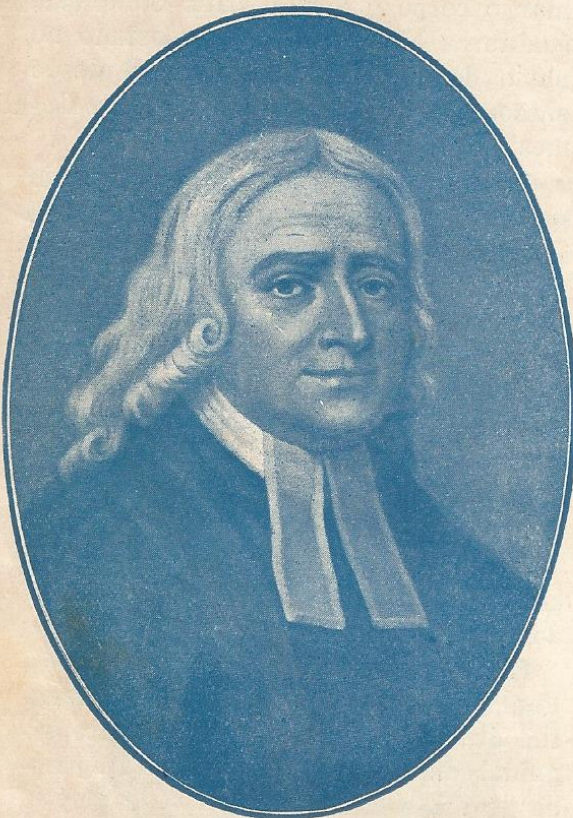
Ha certos acontecimentos, na meninice, que impressionam profundamente a imaginação infantil e influem na formação do character.

João Wesley tinha seis annos quando sua casa foi incendiada. Descoberto que foi o fogo, todos da familia, excepto o pequeno João, fugiram e este, no alarme e pressa, fôra esquecido.

O pequeno, acordando-se, achou que o quarto estava claro e pensou que já era dia. Olhou para cima e viu uns rabis-

cos de fogo a correr pelo forro. Pulou da cama e correu para a porta. Não pôde sair, porque esta já estava envolta em chamas. Trepou então em uma caixa, que estava em baixo da janella e olhou para a rua.

A multidão agitou-se ao ver o pequeno naquella prisão de fogo. Lia-se, nos rostos pallidos, o desejo ardente de arrancal-o dalli.



Não havia escada e tentar entrar na casa seria morte certa. Um homem teve a feliz idéa de pedir que um outro lhe trepasse aos hombros e assim alcançou o menino, tirando-o para fóra. Nesse instante ouviu-se um grande barulho—era o tecto da casa que cahia.

O pae, ao abraçar o filho, disse: “Vizinhos, ajoelhemos e demos graças a Deus. Os meus oito filhos estão salvos, que se queime a casa, sou bastante rico!”

Aos onze annos João Wesley passou a frequentar uma escola publica. Durante seis annos cursou essa escola e foi sempre um estudante ideal—ligeiro, incansavel, methodico e obediente.

Aos dezesete começou a frequentar a Universidade de Oxford e com tanto brilhantismo que aos vinte e dois annos era lente da mesma.

O incendio que presenciára na infancia nunca lhe sahiu da mente, e no decorrer dos annos, aquella scena dominava seus pensamentos. A casa incendiada symbolisava, para elle, o mundo perdido. As chamas, que o rodearam naquella noite, representavam as chamas do peccado cercando por todos os lados a alma humana. Esta imaginação abalou João Wesley, e elle viu que devia arrancar as almas destas chamas terribes.

Na Universidade de Oxford, João Wesley e outros estudantes reuniram-se e formaram uma sociedade. O fim desta era o desenvolvimento da vida christã entre os socios. Os estatutos desta sociedade obrigavam os socios a viverem methodicamente. Os outros collegas, para ridicularizal-os, começaram a chamal-os de “Methodistas”.

João Wesley tornou-se o arauto das boas novas de salvação, e todos que aceitaram a sua mensagem foram chamados “Methodistas”. E elle, o fundador da Igreja Methodista, foi um incansavel prégador; prégou na media de tres sermões diarios durante 54 annos, prégando ao todo, 44.000 vezes.

MAXIMA

Queres ser feliz na vida?
Pois alegre a outrem então.
A alegria que é dada
Volve ao proprio coração.

A liberdade é uma atmosphaera de vida superior, que a gente chega a poder respirar por via de uma lenta transformação interior.

WAGNER.



A gula, peccado de todos nós

SALADA BONITA

Vamos hoje enfeitar nossa mesa com uma salada bonita e gostosa. Primeiro arranjamos em pratinhos umas folhas de alface bem frescas. Pomos em cima tomate, batatas cozidas, bananas, maçãs, abacaxi ou qualquer outra fructa.

Em cima despejamos um pouco de mayonnaise e sobre tudo, pomos nozes ou amendoins.

Experimentem como é gostosa e facil de se fazer.

MAYONNAISE PARA A SALADA

Batem-se em uma tigela 2 gemmas de ovos, pingando azeite. Estando bem consistente põem-se 2 colheres de vinagre, uma pitada de mostarda e sal. Continua-se a por o azeite, até que volte a consistencia. Deve-se tomar o cuidado de bater de um lado só.

BRINQUEDOS E JÓGOS

TRATOS A' BOLA

Respostas do numero IV

Nome

O alho

Semelhante

Sino

Ceu, estrellas, sol e lua

Sombra

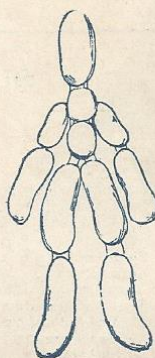
Nó cégo

A cerca

A letra S

mangas são saquinhos amarrados ao pescoço, como nos mostra a figura 2.

Póde-se também fazer um bordado no casaco, para ficar mais vistoso. O chapéu é feito de uma rodinha de papelão



"KWANG-TI", UM CHINEZINHO DE AMENDOIM

Este boneco é feito de onze amendoins presos com linha, como se vê na figura 1. A gravura também nos mostra como devemos escolher e collocar os amendoins: um grande para a cabeça; dois pequenos e dois grandes para o corpo; dois pequenos e dois grandes para os braços; quatro grandes, sendo dois delles bem curvos, para as pernas e os pés.

Feito isto, pintam-se os olhinhos obliquos, o nariz e a bocca. Arranja-se um retalho de côr viva e fazem-se as calças com uma barra larga. O paletó e as

coberta de panno, e preso ao alto da cabeça por um alfinete. Pintam-se os pés, imitando sapatos, e o "Kwang-ti" está feito.

CONCURSOS

Todos os amiguinhos do "Bem-Te-Vi" são convidados a tomar parte nestes concursos.

1.º Concurso: Escrever uma historia ORIGINAL a respeito da gravura

que se acha aqui. A historia deve ter mais ou menos quinhentas palavras, e a mais interessante será publicada no "Bem-Te-Vi" de Setembro. O amiguinho que nos enviar o melhor trabalho

recemos um premio: "Pinocchio", o livro muito querido das crianças.

Neste concurso que encerrar-se-á em Setembro, só os leitores menores de dezeseite annos poderão tomar parte.

LEILA EPPS.

(Redactora).



receberá um premio: o lindo livro "Pinocchio", sobre "As Aventuras de um Boneco de Pau". As historias devem estar em nossas mãos antes do dia 15 de Agosto.

2.º Concurso: Seis problemas biblicos. Este concurso prolongar-se-á por tres mezes. Daremos mensalmente dois problemas para os amiguinhos resolverem e nos enviarem as respostas. Os concurrentes acharão as respostas na Biblia —traducção de Almeida. Aos leitores que acertarem os seis problemas offe-

1) ?? S ??

2) ? A ??

PAULO

3) ?? L ??

4) ?? O ??

1) O sobrenome de um crente que se apresentou para preencher o lugar de Judas.

2) Filho de Abrahão.

3) Um companheiro de Paulo.

4) Um livro da Biblia.

Citar os versiculos em que se encontram as respostas.

PYRAMIDE BIBLICA

1) Pela ordem: UM filho de Noé.

2) Pae do rei David.

3) Uma das pragas mencionadas pelo propheta Joél.

4) Cidade da Terra Santa. No centro da letra jota, apparecerá o nome de um dos melhores amigos.

OS CHINEZES

Os chinezes fazem tudo ás avessas, segundo o nosso modo de ver.

Entre elles a bussola indica o Sul em vez de apontar para o Norte. Os homens vestem saias e as mulheres calças; tendo aquelles o cabello comprido e estas trazendo-o alto e torcido. Tambem elles fazem ás vezes de modistas e ellas levam cargas pesadas. A lingua falada não se escreve, e a escripta não se usa para falar. Os livros lêem-se da direita para a esquerda, e as notas, em vez de se collocarem no fundo da pagina, escrevem-se no cimo. Para o lucto usam o branco, e as madrinhas de casamento, que são velhas, ves-

SUMMARIO

TITULO	PAGINA
Corcovado	145
Boneco de pau	146
A pesca em um Domingo	147
Supplica da Arvore	149
NOSSOS AMIGUINHOS	150
Estrellas	151
O maior dos Mundos	151
O unico thesouro de Joanna	152
Florence Nightingale—Cap. II	153
Alguns caracteristicos dos ciganos	154
As bellezas da agua	156
PAGINA DOS LEITORES	158
A Princezinha Aleijada	158
Peregrinos Infantis	158
O primeiro Pica-Pau	159
O Bull-Dog e seu Filho	160
Grace Darling	161
PEDRAS PRECIOSAS	161
O Rubi	161
GALERIA	162
"O patriarcha da Independencia"	162
Um grande Compositor brasileiro	163
João Wesley	163
A GULA, PECCADO DE TODOS NÓS	165
Salada bonita	165
BRINQUEDOS E JOGOS	165
"Kwang-ti", Um chinezinho de amendoim	165
Concursos	165
Os Chinezes	166

tem-se de preto. O sobrenome de uma pessoa menciona-se primeiro. Quando um chinez se encontra com um amigo, não lhe aperta a mão; aperta as proprias. Os navios são lançados á agua de lado, e não de pôpa, e quem monta a cavallo, o faz do lado direito do animal. O jantar principia com a sobremesa, e acaba com a sopa e o peixe. O barbeiro rapa a cabeça do freguez, fazendo o movimento de baixo para cima, em seguida para baixo, e acaba com uma pequena faca, que tambem

corre pelas sobrançellas e fossas nasas, removendo o pello superfino, limpando finalmente os ouvidos com um bocado de algodão seguro a um arame.